

## Estudo e Análise Enunciativa de Formas Linguísticas em Diferentes Línguas

### Enunciative Study and Analysis of Linguistic Forms in Different Languages

Estela Mettler Piva<sup>1</sup>

Claudia Toldo<sup>2</sup>

Universidade de Passo Fundo

**Resumo:** Este artigo pretende observar, através da perspectiva da Linguística da Enunciação, a construção do sentido de formas linguísticas em seus empregos em diferentes línguas a partir dos estudos de Saussure, Benveniste, e alguns de seus leitores. Em seguida, apresentamos uma análise de termos das línguas inglesa, espanhola, italiana e mostramos, com exemplos de uso destes termos, que é impossível traduzirmos o domínio semiótico da língua, sendo possível, por outro lado, uma “tradução” do domínio semântico, quando tomamos a língua em uso. Portanto, o ponto chave deste trabalho é promover o entendimento de que cada língua possui seus signos, com seus valores, e que estes são únicos e impossíveis de serem utilizados igualmente em outras realidades linguísticas. A questão central está na significação do signo/forma linguística que, quando em uso, constrói diferentes sentidos, possibilitando e (im)possibilitando sua “tradução”.

**Palavras-chave:** Linguística da Enunciação; Signo; Semiótico; Semântico.

**Abstract:** The objective of this paper is to observe the construction of the meaning of linguistic forms in their use in different languages from the studies of Saussure, Benveniste, and some of their readers, from the perspective of the Linguistics of Enunciation. Then, we present an analysis of some terms from these languages: English, Spanish and Italian. We show, with examples of the use of these terms, that it is impossible to translate the semiotic domain of the language, being possible, on the other hand, a “translation” of the semantic domain, when we take into account the language in use. Therefore, the key point of this paper is to promote the understanding that each language has its signs, with their values, and that they are unique and impossible to be used equally in different linguistic realities. The central issue lies in the linguistic meaning of the sign/linguistic form that builds different meanings when it is in use, enabling and (dis)abling its translation.

**Keywords:** Linguistics of Enunciation; Sign; Semiotic; Semantic.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras – Português/Inglês pela Universidade de Passo Fundo (UPF/RS). É bolsista de iniciação científica voluntária, na linha de pesquisa “Constituição e interpretação do texto e do discurso”, com orientação da professora Claudia Toldo. E-mail: [pivaestela@gmail.com](mailto:pivaestela@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora tempo integral de Língua Portuguesa e Linguística no Curso de Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF/RS). Possui Graduação em Letras pela UPF/RS (1990), Especialização em Ensino de Língua Portuguesa pela PUC/MG (1992), Mestrado em Letras (Área de concentração: Teorias do texto e do Discurso) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1999), Doutorado em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2002) e Pós-doutorado em Linguística, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2012), com bolsa CAPES. Atua como professora de Língua Portuguesa e Linguística do Curso de Graduação em Letras e professora/orientadora do Programa de Pós-graduação (Mestrado e Doutorado) em Letras, da Universidade de Passo Fundo. Realiza estudos na área da Linguística, com ênfase na Linguística da Enunciação, e Linguística do Texto, dedicando-se - principalmente - ao estudo dos seguintes temas: enunciação (teorias de Émile Benveniste), ensino de língua materna, abordando questões referentes ao ensino da leitura, da produção textual e da sintaxe. Atualmente é Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras/PPGL. É pesquisadora e bolsista Produtividade em Pesquisa - PQ/CNPQ. E-mail: [claudiast@upf.br](mailto:claudiast@upf.br)

**Recebido em 10 de outubro de 2022.**

**Aprovado em 5 de agosto de 2022.**

### **Considerações Iniciais**

Várias vezes, estando entre professores de línguas, ouvimos frases simplistas como “*miss* é saudade”, “*highlighter* significa marca texto”, entre outras expressões. Mas, será que um termo de uma língua corresponde exatamente a outro termo em uma outra língua? Podemos traduzir o sentido que uma palavra possui em determinada língua para outra? O que se traduz, quando se traduz termos de uma língua para outra? Essas são algumas questões que vão nortear nossa reflexão que objetiva analisar o emprego de termos da(s) e na(s) língua(s) em uso.

Realizamos este trabalho através de leituras e estudos de obras de linguistas que tomam a língua como objeto de suas reflexões. Destacamos, principalmente, o *Curso de Linguística Geral*, trazendo as aulas ministradas por Ferdinand Saussure, na Universidade de Genebra, e os *Problemas de Linguística Geral I e II*, de Émile Benveniste. Alguns conceitos serão destacados e deslocados para o propósito que aqui se coloca, conforme ressaltamos a seguir.

Essas leituras vão nos dar condições teóricas para fazermos uma análise e posterior comparação entre termos linguísticos usados em mais de uma língua, para mostrar uma (im)possibilidade de tradução de um termo para outro de forma linear.

Em seguida, selecionamos, conforme recorte que se fez necessário, termos que empregamos ao usar a língua, analisamos cada um com seu sentido no uso de uma determinada língua e comparamos com o sentido deste mesmo termo, quando em uso em outra língua. A ideia é observar esse termo em uso em diferentes línguas, a partir do conhecimento teórico obtido através do estudo feito inicialmente. Por fim, discutimos as análises feitas e apresentamos algumas considerações finais que podem servir para novas reflexões.

Assim, os estudos apresentados neste trabalho, em nossa perspectiva de pesquisa, trazem uma dimensão de estudo da língua em seu caráter mais significativo: o emprego das formas e o emprego da língua, observando seu comportamento enunciativo. A seguir, organizamos nossa reflexão conforme percurso que já apresentamos.

## O Signo Linguístico na Perspectiva de Ferdinand de Saussure

Ferdinand de Saussure ficou conhecido como o pai da Linguística depois de ministrar três cursos na Universidade de Genebra que, em seguida, viraram um livro escrito por seus alunos, o *Curso de Linguística Geral* – CLG. Nele encontramos os principais conceitos que orientam os estudos da linguística contemporânea a partir de então. Iniciaremos nosso estudo pelo objeto de estudo da linguística: a língua.

O CLG explica que a língua, mesmo sendo impossível de ser concebida sem a linguagem, não é igual a ela, uma vez que a linguagem pode ser considerada um fenômeno psíquico, fisiológico ou físico, pertencente tanto ao individual quanto ao social, enquanto a língua é apenas uma parte dessa faculdade, mesmo que, sem dúvida, essencial a ela.

O conceito de língua estudado por Saussure e apresentado no CLG é o de língua enquanto sistema, oposta à linguagem. Para entendê-lo, temos de sair de nossos atos individuais (a nossa fala, particular a cada indivíduo) e abordá-la enquanto fato social resultado de uma convenção. Ou seja, a língua, objeto de estudo da linguística, é vista como uma instituição social, comum a todos os falantes, homogênea, isolável, diferente da fala e parte psíquica da linguagem. Os indivíduos utilizam-se da língua como uma forma para se comunicarem e essa interação se dá por meio de signos linguísticos, compostos por um significado e um significante, que são, respectivamente um conceito e uma imagem acústica.

Segundo o mestre genebrino, o signo linguístico é uma entidade linguística global, considerado tangível, pois pode ser registrado por meio da escrita e ser socialmente compartilhado; e psíquico, pois fica armazenado na mente de cada indivíduo. Um circuito se forma na mente de cada indivíduo que participa do processo de interação: o falante (eu) escolhe um signo a partir do conceito que quer expressar, assim precisa de uma imagem acústica para propagá-lo até o ouvinte (tu), que identifica o som e constrói conceito.

Por esse processo de escolha, identificação, propagação e entendimento ser feito em nosso cérebro é que o signo linguístico é um fenômeno psíquico, porém, esse processo ainda engloba uma parte fisiológica (fonação) e uma parte física (propagação sonora). Outra característica do signo linguístico, apontado por Saussure, é sua dupla natureza, ou seja, suas subdivisões em significado e significante ou, como tratado acima, conceito e imagem acústica. Em outras palavras, podemos dizer que um signo liga uma ideia a uma

imagem representativa, e quem faz o signo existir, de fato, é o falante quando discursa ou se apropria da língua para enunciar, para se comunicar.

Destacamos que essa unidade de duas faces, o signo linguístico, tem lugar privilegiado nos estudos do *Curso*, já que é uma unidade que tem valor. Esse valor possibilita a construção do sentido – na comunicação humana – uma vez que traz uma relação (arbitrária) entre suas faces o que, quando em uso, atualizam o sistema da língua. Passemos ao estudo dessas faces.

Os editores do CLG afirmam que significante é a impressão psíquica do som que fica em nossa mente quando falamos/pensamos em uma palavra e é definido por oposição a outros significantes. Podemos chamá-lo de imagem acústica, que, por sua vez, é “a representação natural da palavra enquanto fato de língua virtual, fora de toda realização pela fala.” (CLG, 2012, p. 106). Destaca-se também a linearidade do significante, já que seus elementos se desenvolvem no tempo e sua extensão é mensurável somente na dimensão linear. Os significantes podem ser visuais, pois a imagem acústica pode não ser exata e exclusivamente do som, uma vez que as pessoas surdas também têm significantes e significados, compreendendo assim os signos linguísticos sem ter a imagem do som que os compõem. Tomamos, aqui, a imagem acústica enquanto representação mental do signo:

O signo linguístico não une uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é um som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la ‘material’, é somente nesse sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato (CLG, 2012, p. 106).

Levando isso em consideração, dizemos que o significante se apresenta como em uma linha por apresentar seus elementos em ordem cronológica também linear, visto que não pensamos e nem falamos dois signos ao mesmo tempo. Isso nos mostra que a língua em uso tem um tempo que lhe é próprio. Isso é de sua natureza. Passemos ao significado.

De acordo com o linguista genebrino, significado, por outro lado, é o conceito, o fato da consciência. É ele que suscita ao cérebro um significante, uma maneira de se fazer entendível ao interlocutor. É a parte abstrata do signo, já que é particular de cada um e impossível de ser mostrado/compartilhado com alguém. Essa representação visual está estreitamente ligada, como por um laço, à imagem sonora que temos do signo, ou seja, o significante. Saussure deixa claro que:

Chamamos signo a combinação do conceito e da imagem acústica: mas, no uso corrente, esse termo designa geralmente a imagem acústica apenas, por exemplo uma palavra (*abror*, etc.). Esquece-se de que, se chamamos *arbor* signo, é somente porque exprime o conceito 'árvore', de tal maneira que a ideia da parte sensorial implica a do total (CLG, 2012, p. 107).

Por esse motivo de significado e significante estarem estreitamente conectados, é impossível separarmos os dois conceitos, afinal um existe por causa do outro, não existe conceito sem imagem acústica e nem imagem acústica sem um conceito. Porém, “a união que resulta num signo não é eterna, um significante não está colado a um significado, isso permite que uma língua se transforme, permite a variabilidade de sons e sentidos” (CUNHA, 2008, p. 4). Ou seja, os conceitos e as imagens acústicas podem variar de um signo para o outro de acordo com seu uso, por exemplo quando utilizamos uma palavra já existente na língua com um outro sentido, como: “fechou”, que é um verbo de ação de fechar alguma coisa, algum lugar, porém, na gíria dos adolescentes, refere-se à solução de algum problema, ou um combinado feito. Sempre teremos os dois conceitos presentes para a adaptação de signos já conhecidos ou para o surgimento de novos signos linguísticos.

Podemos perceber essa inseparabilidade através da arbitrariedade do signo, outro conceito apresentado no *Curso*. Bally e Sechehaye (CLG, 2012, p. 108-109) mostraram que o laço que une o significante com o significado é arbitrário, ou seja, é imotivado, imposto por uma convenção, não tendo, assim, nenhum laço natural com a realidade.

Portanto, o conceito de um signo não tem relação direta com sua imagem acústica: a imagem que temos de mar em nossa cabeça, não depende do som “m-a-r” que usamos para reproduzir este signo, não tem relação natural com a realidade, eles apenas foram unidos por uma convenção social a fim de possibilitar a comunicação entre indivíduos de uma comunidade linguística. Destacamos que a arbitrariedade existe por causa da e na coletividade.

O CLG nos explica ainda, no capítulo VI, que existem dois tipos de arbitrariedade: uma absoluta, e outra, relativa. Isso quer dizer que alguns signos nos são, de fato, arbitrários, absolutamente impostos e referem-se ao imotivado de fato, sem relação lógica entre a forma e seu significado, sem razão para ser assim. Abrange somente uma parte de

todos os signos e é mais lexicológico<sup>3</sup>. Citamos como exemplo os signos *vinte*, *dez* e *nove*, todos impostos por uma convenção, sem razão para tal imposição.

Por outro lado, alguns signos podem ser relativamente motivados, referem-se ao que não é sempre só motivado e nem só imotivado. Apenas uma parte dos signos é totalmente arbitrária, outras, reconhecem graus no arbitrário sem suprimi-lo. Este é mais gramatical que o primeiro. Como exemplos, temos o signo *dezenove*, que é uma junção de “dez” e “nove”, ou seja, têm uma relação de sentido entre eles que representa uma motivação relativa. Um signo é relativamente motivado quando é possível de se estabelecer um motivo para essa relação acontecer. Ao mesmo tempo, Bally e Sechehaye (2012) citam que:

Além disso, mesmo nos casos favoráveis, a motivação nunca é absoluta. Não somente os elementos de um signo motivado são arbitrários, como também o valor do termo total jamais iguala a soma dos valores das partes (CLG, 2012, p. 181).

Então, se “não existe língua em que nada seja motivado” (CLG, 2012, p. 182), os signos e suas variedades encontram-se entre os extremos de mínimo de organização e mínimo de arbitrariedade.

Outro conceito de grande relevância aos estudos da linguística, trabalhado nos estudos saussurianos, é o de valor linguístico, que, ao contrário do signo, é relativo. O valor linguístico é um conjunto de diferenças, e é definido por sua oposição com os outros signos. O valor provém da situação recíproca dos termos da língua, pois importa menos o que existe de conceito e de matéria fônica num signo do que o que há ao seu redor.

As características do sistema da língua estão concentradas no valor, de modo que este sistema se organiza baseado em duas massas: a representação do fato linguístico em seu conjunto (o pensamento) e o som. O valor linguístico está estreitamente ligado com conceito de significação, mas é preciso deixar claro que o segundo se refere a um signo na sua relação interna (significante e significado); já o valor refere-se a um signo em oposição a outro signo, construindo assim o valor de cada um. É na oposição dos signos que o valor de cada um se constrói. Diz o CLG:

O valor, tomado em seu aspecto conceitual, constitui, sem dúvida, um elemento da significação, e é difícilimo saber como esta se distingue dele, apesar de estar sob sua

---

<sup>3</sup> Lexicologia é a parte da linguística que estuda o vocábulo quanto ao seu significado, constituição mórfica e variações flexionais, sua classificação formal ou semântica em relação a outros vocábulos da mesma língua.

dependência. É necessário, contudo, esclarecer essa questão, sob pena de reduzir a língua a uma simples nomenclatura (CLG, 2012, p. 161).

O *Curso* compara a língua a uma folha de papel. Dessa forma, os dois lados da superfície são o pensamento (ideia-conceito) e o som (imagem acústica), e não se pode “cortar” um sem cortar o outro, ou seja, não podemos isolar o significado do significante.

Um dos estudiosos que se dedicou aos estudos linguísticos é Émile Benveniste, teórico que se apropriou de alguns termos já apresentados por Saussure e foi além disso, criando outros conceitos para nos ajudar no entendimento do sentido no/do discurso. “Benveniste é o mais saussuriano dos linguistas, uma vez que permitiu resgatar a partir de Saussure uma linguística da significação” (NORMAND, 2006, p. 14). Ao linguista da enunciação.

### **O Signo e a Linguística para Émile Benveniste**

Abordaremos, agora, estudos da Linguística da Enunciação segundo Émile Benveniste<sup>4</sup>, linguista que contribuiu muito com os estudos já deixados por Saussure, através de seus trabalhos de expansão e ultrapassagem da teoria saussuriana.

Enquanto Saussure via o signo como um conjunto de um significado e um significante, Benveniste vai além e vê o signo no discurso, ou seja, na língua em uso. Por língua em uso, entende-se o conceito de Enunciação, criado por Benveniste, que é “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82). Em outras palavras, enunciação é colocar a língua em funcionamento em dada situação discursiva.

O linguista define, ainda, o objeto de estudo da enunciação: o texto enunciado. Benveniste usa as palavras ato (“ato individual de utilização”) e processo (“este grande processo pode ser estudado”), as quais nos fazem pensar melhor sobre o que ele quer dizer com isso. De acordo com Toldo (2018, p. 429), “ato diz respeito à relação do locutor com a língua, em dada situação comunicativa, esta sempre nova, única, singular, irrepitível;” enquanto o processo é “algo que se renova a cada instância de discurso, quando o aparelho

---

<sup>4</sup> Ezra Benveniste nasceu em Alepo, na Síria, em 27 de março de 1902, e troca seu nome para Émile, como o conhecemos, em 1924, ano em que se naturaliza francês. Em 1966, Benveniste publica *Problemas de Linguística Geral*, obra até hoje muito estudada em todo o mundo. Émile Benveniste ficou conhecido por ter uma visão bem diferenciada da linguística que se conhecia até então, com sua abordagem enunciativa, ele dá início a visão estruturalista da língua. Conceitos de significação, referência, subjetividade e intersubjetividade tomam outras proporções.

da língua é colocado em funcionamento”. Assim, temos sempre a perspectiva da língua em uso.

Em relação à língua, a enunciação se define como um processo de apropriação, no qual o locutor se apropria de seu aparelho linguístico e faz jus a sua posição enunciando por meio de índices específicos e procedimentos acessórios. Neste momento de apropriação, o locutor assume a posição de eu e atinge um outro eu que é o ouvinte, dessa forma, precisa de um relação enunciativa de volta e, assim temos, para cada locutor, um co-locutor. Com essas relações necessárias entre locutores apropriados da faculdade da linguagem e da enunciação, percebemos o quanto este “tesouro virtual depositado no cérebro de cada falante” (CLG, 2012, p. 45), a língua, é importante para nossa existência como seres humanos dotados dessa faculdade da linguagem.

Um fato importante sobre a arbitrariedade do signo - apresentada por Saussure - é de que Benveniste afirma que a ligação existente entre um significado e um significante, ou, como ele chama, um nome e uma coisa, não é somente arbitrária, mas também necessária a todos os locutores para que a língua seja colocada em uso.

Tem-se, portanto, em Benveniste, o signo assumindo forma de uma palavra, revestida de uma particularidade que só tem sentido na frase. A unidade do discurso por excelência é a frase, e este é visto como a mobilização dos signos em determinada situação de comunicação e a língua é o instrumento para essa comunicação acontecer. Trata-se de uma linguística com raízes em Saussure, mas com uma marca autêntica de Benveniste,

Podemos pensar que Benveniste, mesmo tendo acesso apenas ao Curso de Linguística Geral, soube lê-lo com uma sensibilidade que o fez perceber a inovação e a singularidade do pensamento saussuriano, o que “permite resgatar a partir de Saussure uma linguística da significação” (NORMAND, 2007, p. 14), visão deixada de lado por uma leitura estruturalista do CLG (STUMPF, 2008, p. 3).

Benveniste traz contribuições nos seus estudos de significação da língua: os níveis semiótico e semântico. Émile Benveniste é conhecido por ser o “Linguista da Significação”.

Benveniste retoma o conceito de signo apresentado por Saussure e se detêm, com maior empenho, a estudar o princípio da arbitrariedade apresentado no CLG. O linguista afirma que todo trabalho embasado nesta ciência deve abranger o arbitrário do signo, toda

afirmação feita sobre ele começa neste princípio, portanto, não seria diferente com seu estudo.

Porém, um fator causa grande estranheza para Benveniste: o exemplo dado no CLG de que o-k-s e b-ö-f, mesmo sendo signos de língua diferentes, se aplicam a mesma realidade, o boi. Com isso, Benveniste nos mostra um terceiro elemento presente nesta relação:

Está claro que o raciocínio é falseado pelo recurso inconsciente e sub-reptício a um terceiro termo, que não estava compreendido na definição inicial. Este terceiro termo é a própria realidade. (...) Quando fala da diferença entre b-ö-f e o-k-s, refere-se, contra a vontade, ao fato de que esses dois termos se aplicam à mesma realidade. Eis aí, pois, a coisa, a princípio expressamente excluída da definição de signo, e que nela se introduz por um desvio e aí instala para sempre a contradição (BENVENISTE, 2005, p. 54).

Ou seja, como podemos dizer que um signo de uma língua corresponde igualmente a outro signo de outra língua, se quando falamos em diferentes idiomas temos diferentes realidades enunciativas? Essa foi, provavelmente, a questão que fez com que Benveniste nos apresentasse esse terceiro elemento, para podermos perceber que a realidade está, sim, presente na relação arbitrária entre o significado e o significante. Portanto, não podemos dizer que um signo de uma língua, uma realidade, é igualmente comparado a seu correspondente em outra língua, pois lá há outra realidade.

Sabemos que o laço que une o significado a um significante é imotivado pois não possui nenhuma relação natural com a realidade. Contudo, Benveniste vai além desse dito e afirma que esse laço não é apenas arbitrário, mas sim, necessário. Uma vez que

O conceito ('significado') 'boi' é forçosamente idêntico na minha consciência ao conjunto fônico 'significante' boi. Como poderia ser diferente? Juntos os dois foram impressos no meu espírito; juntos evocam-se mutuamente em qualquer circunstância. Há entre os dois uma simbiose tão estreita que o conceito 'boi' é como que a alma da imagem acústica boi (BENVENISTE, 2005, p. 55-56).

Podemos dizer, visto esse exemplo, que os dois lados (significante e significado) “se compõem juntos como o incorporante e o incorporado” (BENVENISTE, 2005, p. 56) e, ainda, que “essa consubstancialidade do significante e do significado garante a unidade estrutural do signo linguístico” (BENVENISTE, 2005, p. 56). Ou seja, o significante e o significado são as duas faces que compõem uma única noção: a de signo linguístico. A

língua, conceituada por Benveniste, é, então, um sistema de signos necessariamente portadores de sentido.

No que tange aos limites dessa arbitrariedade, apontamos que “o que é arbitrário é que um signo, mas não outro, se aplica a determinado elemento da realidade, mas não a outro” (BENVENISTE, 2005, p. 56). Então, o que há entre a língua e a realidade é o próprio signo, não podemos falar “cadeira” nos referindo a uma mesa e esperar que nossos interlocutores entendam, isso quer dizer que o signo “cadeira” é arbitrário porque faz referência a uma cadeira, e não a uma mesa.

Há outro conceito de Saussure deslocado e (re)pensado em Benveniste: o conceito de valor. Para Saussure, o valor é definido pela oposição entre os signos; Benveniste vê o signo não somente como algo estrutural, mas sim, como um signo no discurso, abrangendo a realidade em que se insere. O valor, portanto, fica no signo para Saussure. Para Benveniste, o signo ultrapassa a dimensão de significação e é uma entidade carregada de sentidos observados no discurso.

A língua admite níveis de análise por possuir uma característica de dupla articulação e um caráter distintivo entre os signos. Cada traço distintivo se junta a outro(s) na cadeia da fala sem perder a sua individualidade. Temos aqui o fator determinante para a possibilidade de combinações na língua. É a dupla articulação da linguagem juntamente com o caráter discreto dos elementos linguísticos os responsáveis pela economia linguística, isto é, a possibilidade de uso de um mesmo fonema, por exemplo, na formação de diferentes morfemas, apenas alterando sua ordem.

No que tange à forma e ao sentido, Benveniste nos explica que a forma diz respeito a “capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior” (BENVENISTE, 2005, p. 135) e o sentido é definido como “sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior” (BENVENISTE, 2005, p. 136). Isso quer dizer que quando decompomos uma frase nas palavras que a compõe, chegamos à sua forma; já quando juntamos palavras para formar frases, alcançamos o sentido. Vale lembrar que a forma e o sentido implicam uma na outra, estão sempre juntas.

Reforçamos a importância que a frase tem para a vida da linguagem, afinal, “é no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem” (BENVENISTE, 2005, p. 140). Aqui aparece a importância da frase também para a enunciação, uma vez que o discurso é a própria língua em uso, a apropriação da língua pelo sujeito falante. Passemos à reflexão que nos motiva a realizar este estudo: o

sentido, definido pela forma e o sentido da/na língua. Iniciamos citando as palavras de Flores, que retoma o que diz Benveniste sobre a forma e sobre o sentido da língua:

O sentido é um “conjunto de procedimentos de comunicação identicamente compreendidos por um conjunto de locutores” (PLG II: 222); a forma é “ou a matéria dos elementos linguísticos quando o sentido é excluído ou o arranjo formal destes elementos no nível linguístico ao qual ele tange” (PLG II ed. fr., p. 217). Benveniste se distancia dessas noções. E o motivo é simples: elas constituem, nessa interpretação comum, uma mera oposição. Para Benveniste, forma e sentido não se opõem; essa antítese, se reinterpretada no funcionamento da língua, é o ser mesmo da linguagem, pois ela “coloca no centro do problema mais importante, o problema da significação” (PLG II: 222) (FLORES, 2013, p. 137).

Segue-se, portanto, que Benveniste não trata a forma e o sentido como uma relação de oposição, mas sim, entende que é nessa relação que se obtém “o ser mesmo da linguagem” (BENVENISTE, 2006, p. 222), já que é na linguagem que se apresenta a significação, e é através da forma e do sentido que chegamos nela. O caráter primeiro da linguagem é o de significar, bem como de explicar as funções diversas de nossa vida. Como se pode imaginar, seria inviável citar todas as funções às quais a linguagem ocupa, por isso, Benveniste resume com uma frase digna de muitos outros pensamentos: “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver” (BENVENISTE, 2006, p. 222). Sem a linguagem não haveria ser humano constituído como sujeito, não haveria sociedade e, ousamos aqui dizer que, não haveria vida.

Em seguida, a questão norteadora passa a ser: o que é, então, a significação? Benveniste deixa nítida a separação do entendimento de significação para os linguistas e para os lógicos, para os quais, segundo Flores, “a significação será sempre algo tomado no campo da aceitabilidade de predicções” (FLORES, 2013, p. 138). Para os linguistas, portanto, a “atividade significante por excelência” (BENVENISTE, 2006, p. 223) é a linguagem. Entende-se aqui, que “todo e qualquer modelo significativo que possamos construir será aceito na medida em que se parecer em tal ou tal de seus aspectos àquele da linguagem” (BENVENISTE, 2006, p. 223), ou seja, a significação é a linguagem como um todo, não apenas a língua, que é parte dela.

Dito isso, tem-se que a significação é parte inerente da linguagem, é de sua natureza, assim como a linguagem é da natureza do homem, e não um instrumento. “Falar de instrumento, é pôr em oposição o homem e a natureza. A picareta, a flecha, a roda não estão na natureza. São fabricações. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou” (BENVENISTE, 2005, p. 285). Dessarte, tanto a significação para a linguagem

quanto a linguagem para o humano são constituintes, e não apenas uma parte ou um acréscimo de outra.

Benveniste parte da noção de língua como um sistema de signos apresentada por Saussure, mas deixa claro que vai adiante disso, afinal, “quando Saussure introduziu a ideia de signo linguístico, ele pensava ter dito tudo sobre a natureza da língua; não parece ter visto que ela podia ser outra coisa ao mesmo tempo” (BENVENISTE, 2006, p. 224). Com isso, Benveniste quer dizer que viu, na língua, outras duas possibilidades de análise e interpretação. O limite das unidades da língua é a significação, afinal, tudo que existe nela possui também uma significação. Esse limite se dá entre duas fronteiras: de um lado, o domínio semiótico, e de outro, o domínio semântico. Nesta perspectiva, o signo é composto através de duas noções: “a de signo enquanto unidade e a noção de signo como dependente da ordem semiótica” (BENVENISTE, 2006, p. 224). Explicaremos cada perspectiva adiante.

O primeiro princípio da dupla significância da língua a ser abordado é o modo semiótico. Iniciaremos caracterizando-o, conforme nos ensina Benveniste:

O semiótico designa o modo de significação que é próprio do SIGNO linguístico e que o constitui como unidade. Pode-se, para efeito de análise, considerar separadamente as duas faces do signo, mas, sob a relação de significância, ele é uma unidade, e se conserva como unidade (BENVENISTE, 2006, p. 64-65, grifos do autor).

Todo o estudo semiótico, em sentido estrito, consistirá em identificar as unidades, em descrever suas marcas distintivas e em descobrir os critérios cada vez mais sutis da distintividade. Desta forma, cada signo será chamado a afirmar sempre e com maior clareza sua própria significância no seio de uma constelação ou em meio ao conjunto de signos (BENVENISTE, 2006, p. 65, grifos do autor).

Dizendo de outra forma, o modo semiótico diz respeito ao próprio signo, conforme já o conhecíamos em Saussure. Como unidade de duas faces, o signo é caracterizado por uma forma e por um sentido. No que tange ao primeiro aspecto, Benveniste associa-o ao significante, que é o aspecto formal dessa unidade, o signo. Para definirmos o sentido, precisamos lembrar que Benveniste tem o signo como uma unidade já em uso, como os signos no discurso, portanto, o sentido é a face significado, sendo esse o uso que os falantes o fazem.

O semiótico não se vale da relação dos signos com a realidade, não considera a relação da língua com o mundo, atrevemo-nos relacionar o semiótico como o signo de Saussure, aquela unidade composta de duas faces e que tem, no sistema, a capacidade de

significar. “Os signos estão ligados entre si segundo relações paradigmáticas, substitutivas” (FLORES, 2013, p. 140). Então, o que vale aqui é sempre a relação de oposição, que tem como resposta sim ou não, não existe meio termo. Portanto, o modo semiótico tem como unidade o signo, como forma o significante e como sentido o significado. Temos aqui as relações de oposição entre um signo e outro nas relações sintagmáticas.

O segundo princípio da dupla significância da língua a ser abordado é o modo semântico. Benveniste, antes de caracterizá-lo, faz uma reflexão sobre a função comunicativa da frase, que é a “expressão semântica por excelência” (BENVENISTE, 2006, p. 229), “afinal, é assim que nos comunicamos: por frases, mesmo que truncadas, embrionárias, incompletas, mas sempre por frases” (BENVENISTE, 2006, p. 228). Aqui está um ponto importante para entendermos esse modo de significação, a frase aqui é vista como um conjunto de palavras usadas no discurso de cada sujeito, é vista como a enunciação, e não somente como um dos três níveis de análise da língua, como vimos anteriormente. O teórico assim caracteriza esse modo, explicando a função da língua nessa perspectiva semântica:

Com o semântico entramos no modo específico de significância que é engendrado pelo DISCURSO. Os problemas que aqui se colocam são função da língua como produtora de mensagens. Ora, a mensagem não se reduz a uma sucessão de unidades que devem ser identificadas separadamente; não é uma adição de signos que produz o sentido, é, ao contrário, o sentido (o ‘intencionado’), concebido globalmente, que se realiza e se divide em ‘signos’ particulares, que são as PALAVRAS (BENVENISTE, 2006, p. 65, grifos do autor).

Ou seja, o domínio semântico é o próprio discurso, a língua em uso pelos falantes, a língua utilizada em sua função primordial de comunicar. Dessa forma, é levado em conta a realidade em que uma palavra está inserida, o contexto enunciativo do emprego da língua em determinada situação.

Quanto à definição da unidade do modo semântico, Benveniste afirma que é a palavra, que é integrante de um sintagma, que por sua vez é expressado pela frase. A forma, portanto, é o sintagma, já que é através dele que a língua se realiza. Para entendermos o sentido precisamos lembrar da explicação anterior sobre os dois sentidos da palavra sentido, aqui nos referimos ao segundo, à ideia que um enunciado exprime, o seu contexto e a relação da palavra com a realidade em que se insere, portanto, podemos

dizer que o sentido é o sentido da frase. Temos, então, que: o modo semântico tem como unidade o discurso, como forma a palavra e como sentido, a frase.

Como (quase) tudo que vimos sobre linguística até agora é determinado pela oposição entre elementos, não poderia ser diferente com os modos de significância da língua. Determinaremos agora, a fim de esclarecer e separar ainda mais cada um dos domínios, o que faz com que cada um se defina em oposição ao outro.

O semântico toma necessariamente a seu encargo o conjunto de referentes, enquanto que o semiótico é, por princípio, separado e independente de toda referência. A ordem semântica se identifica no mundo da enunciação e ao universo do discurso (BENVENISTE, 2006, p. 66).

O semiótico (o signo) deve ser RECONHECIDO; o semântico (o discurso) deve ser COMPREENDIDO. A diferença entre reconhecer e compreender envia a duas faculdades distintas do espírito a de perceber a identidade entre o anterior e o atual, de uma parte, e a de perceber a significação de uma enunciação nova, de outra (BENVENISTE, 2006, p. 66, grifos do autor).

Queremos dar um destaque no ponto reconhecido versus compreendido. Ora, se o modo semiótico é o próprio signo, como dissemos, é preciso identificar este signo, com seu significado e seu significante, defini-lo em oposição aos termos que o precedem e o antecedem e, obviamente, reconhecê-lo no nível em que se insere. Aqui, o processo de reconhecimento é intralinguístico, precisamos olhar “para dentro” da língua, com seus níveis de análise, oposição, composição e decomposição.

Por outro lado, se o modo semântico é a língua em uso, o processo vai além de reconhecer a palavra, agora não mais apenas signo, no nível em que está encaixada. É preciso entender o contexto do “aqui e agora”, como usamos na linguística, em que ela está inserida, a oposição que pode ter com outras palavras, com outros significados e outros sentidos daquela realidade primeira. O processo de compreensão da palavra na realidade é muito mais extralinguístico, pois leva em conta o universo amplo da inserção da palavra.

Esses processos de reconhecimento e compreensão nos ajudam a definir o limite (se é que há limite estabelecido) entre semiótico e semântico bem como onde queremos chegar com esse estudo: a principal diferença entre os modos de significância da língua, relacionada à possibilidade ou não de tradução. Conforme Benveniste:

Pode-se transpor o semantismo de uma língua para o de uma outra, ‘salva veritate’; é a possibilidade da tradução; mas não se pode transpor o semiótico de uma língua para o de uma outra; é a impossibilidade da tradução. Atinge-se aqui a diferença entre o semiótico e semântico (BENVENISTE, 2006, p. 233).

Portanto, esta é a maior diferença entre os domínios de significância da língua: o modo semântico pode ser traduzido, transposto, adaptado a outra realidade idiomática. O modo semiótico é a impossibilidade de tradução, uma vez que não existe meio de transpor um signo de uma realidade a outra, por diversos fatores, conforme já ilustrado neste trabalho.

Esta capacidade de ter uma dupla significação é exclusiva da língua (vista como parte da linguagem), nenhum outro sistema de signos possui essa característica. Temos, nos outros sistemas, apenas a presença do semiótico ou apenas a presença do semântico, mas nunca, vale frisar, há a presença dos dois. Vejamos:

A língua é o único sistema em que a significação se articula assim em duas dimensões. Os outros sistemas têm uma significância unidimensional: ou semiótica (gestos de cortesia; mudrãs), sem semântica; ou semântica (expressões artísticas) sem semiótica (BENVENISTE, 2006, p. 66).

As reflexões que trazemos até aqui dizem respeito a um percurso que traçamos para chegar ao estudo de formas da língua que “adquirem” sentidos no uso em que se realizam, em diferentes línguas. Trazer à cena o signo linguístico, o conceito de língua – objeto de estudo da linguística –, suas faces, o *Curso de Linguística Geral*, seus leitores e críticos, suas “novas” perspectivas, seus avanços justificam-se pela análise que propomos no próximo capítulo. A língua em uso, tomando seus constituintes (signos), como formas que se atualizam a cada enunciação e produzem diferentes e sempre novos sentidos.

Por fim, trazemos as palavras de Normand (2006, p. 19): “analisar ‘o semântico’: eis a aposta de Benveniste”. Benveniste é então, claramente, conhecido e reconhecido por ser o Linguista da Significação. Aquele que vê a linguagem não só como forma essencial de comunicação entre os indivíduos, mas como uma essência de vida, afinal a língua serve para viver!

Tomando essa máxima, passemos a análise de algumas ocorrências – formas da língua – que quando em uso, em diferentes línguas, nos apresentam uma realidade de possibilidade/impossibilidade de “tradução”, ou seja: a possibilidade de encontrar um sentido para tal termo em dado contexto enunciado e a (im)possibilidade de encontrar um termo “exato” para traduzi-lo em diferentes situações discursivas, inclusive em diferentes línguas.

## **Análise de Termos em Diferentes Línguas e seus Diferentes Sentidos quando Traduzidos**

Até aqui, fizemos um recorte nos estudos linguísticos de conceitos como língua, signo e o que é importante para o *Curso de Linguística Geral*, revisitado e estudado por Benveniste, que traz uma dimensão enunciativa de tratar e estudar a língua, enquanto sistema de signos, propondo uma perspectiva de ver o emprego das formas e o emprego da língua.

Agora, passaremos à análise de alguns termos que foram escolhidos, para que possam ser apresentados e ter seus sentidos comparados entre diferentes línguas. O objetivo desta análise é olharmos o uso dessas formas linguísticas no discurso através de uma perspectiva enunciativa para que assim, possamos ilustrar a teoria apresentada de uma maneira clara e bem exemplificada.

Trazemos, como exemplo da língua inglesa, três nomes de animais. Nós, falantes de português, usamos o signo linguístico porco, por exemplo, para os dois sentidos da palavra, tanto do animal quanto da comida; a carne, portanto o colocamos em oposição com outras duas categorias: a primeira, dos animais, onde porco é diferente de galinha, vaca e boi; e a segunda, das carnes - porco é diferente de carne de peixe, de carne de vaca ou carne de galinha. Por outro lado, em inglês, chamamos o porco (animal) de *pig*, e sua carne, usada na cozinha, de *pork*. Dessa forma, *pig* se opõe a outros animais, enquanto *pork* se diferencia de outras carnes. Cada um desses signos, com seus valores exclusivos, se define pela oposição a outros, todavia, o sentido que temos em português é “duplo” (animal e carne) enquanto no inglês, *pig* (animal) e *pork* (carne de porco) estão, cada um, em uma perspectiva semântica diferente. Assim também teríamos: vaca, o animal e a carne, que em inglês possui uma diferença entre *cow* (animal) e *beef* (carne); carneiro, em inglês, *sheep* (animal) e *mutton* (carne); entre outros. O que queremos deixar explicitado aqui é que os sentidos das palavras não são iguais, bem como os valores que cada palavra carrega, então não é correto dizer que uma palavra equivale/significa a mesma coisa que a outra, como muitos professores de línguas reproduzem em salas de aula.

Trazemos, agora, um exemplo da língua espanhola. Precisamos deixar claro que lidamos com duas vertentes diferentes da língua espanhola: o espanhol falado na América Latina e o falado na Espanha. Na América Latina, a palavra buraco possui dois correspondentes. Um, que pode ser um furo pequeno (em uma roupa), e outro, que é uma

espécie de fenda em uma rua, por exemplo, um buraco grande. Então temos a palavra *agujero*, que diz respeito a pequenos buracos, e temos *buraco* para buracos grandes, de estradas.

Já no espanhol falado na Espanha, só temos um correspondente: *agujero* (tanto para buracos grandes quanto para pequenos). Um exemplo prático disso é que *agujero* é o nome que se usa para o buraco na camada de ozônio, por exemplo, conforme vimos nesta manchete<sup>5</sup> do jornal La Vanguardia, publicada no dia 02 de abril de 2020: “*Sorpresa científica por la aparición de un gran agujero en la capa de ozono en el Ártico*”<sup>6</sup>, que significa que os cientistas ficaram surpresos com a aparição de um grande buraco na camada de ozônio no Ártico.

Voltamo-nos, agora, para a língua italiana, a fim de mostrar que quando procuramos um equivalente de um termo de uma língua em outra, não conseguimos, nunca, traduzir o nível semiótico, e que isso acontece com todas as línguas, e não somente inglês e espanhol (que são para nós, brasileiros, as mais conhecidas).

Temos, no italiano, a palavra *gattara*, que se refere a uma mulher, geralmente idosa e solitária, que espontaneamente, mas com perseverança e empenho, nutre e cuida de gatos livres em contextos urbanos. É uma figura que carrega consigo, mesmo que inconscientemente, estereótipos negativos, como o da loucura. Em português, talvez poderíamos utilizar a expressão “cuidadora de gatos” como equivalente, porém esta não nos diz nada sobre a pessoa da cuidadora em si, e também não especifica quais são os gatos que ela cuida, o contrário da palavra em italiano (que se refere a uma pessoa do sexo feminino e idosa que cuida de gatos de rua, como vimos). Trazemos também um exemplo desta palavra no discurso, através de uma notícia<sup>7</sup> do site Romait, que tem a seguinte lide<sup>8</sup>: “*Per me è un onore essere chiamata 'gattara', ormai non posso fare a meno di questi animali*”<sup>9</sup>, que significa que para ela – a cuidadora –, é uma honra ser

---

<sup>5</sup> Link da notícia: <https://www.lavanguardia.com/natural/20200402/48271656198/sorpresa-cientifica-por-la-aparicion-de-un-gran-agujero-en-la-capa-de-ozono-en-el-artico.html>

Acesso em: 25 de abril de 2020.

<sup>6</sup> Surpresa científica pela aparição de um grande buraco na camada de ozônio no Ártico (tradução livre).

<sup>7</sup> Link: <https://www.romait.it/v1/articoli/24664/roma-e-i-gatti-dal-racconto-di-una-gattara> Acesso em: 25 de abril de 2020.

<sup>8</sup> Abertura de texto jornalístico que apresenta sucintamente o assunto ou destaca o fato essencial da matéria – linha de apoio.

<sup>9</sup> Para mim, é uma honra ser chamada de “gattara”, agora não posso prescindir desses animais (tradução livre).

chamada de 'gattara', e agora não pode ficar sem esses animais. Portanto, também não temos uma palavra equivalente em português.

Essas análises, mesmo que breves e não tão aprofundadas, mostram que as palavras têm sentido próprio em cada uso em que se realizam, ocorrem. Isso (im)possibilita fazermos a “transposição exata” de um termo – numa língua – para outro termo – em outra língua. Isso evidencia a não possibilidade da tradução do nível semiótico de uma língua para outra; apenas o semântico que se constrói, irrepeticamente, a cada enunciação.

### **Considerações Finais**

O estudo apresentado possibilitou estabelecermos e esclarecermos as relações que unem e separam Saussure de Benveniste, considerando a perspectiva estruturalista e a enunciativa, respectivamente. Com os estudos de Benveniste, pudemos ver o sensível olhar do linguista sobre a língua, quando diz: “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver” (BENVENISTE, 2006, p. 222). Vimos também que mobilizamos os níveis semiótico e semântico da língua quando traduzimos um termo de uma língua para outra, também aprendemos que é impossível traduzirmos o nível semiótico das palavras e que, mesmo o nível semântico sendo “adaptado” para outra realidade linguística, não existe uma tradução literal, afinal, um termo de uma língua se aplica a uma realidade, enquanto um termo equivalente se aplica a outra realidade, não podendo, nunca, serem traspostos de uma realidade à outra.

A análise traz apenas um exemplo do que colocamos no estudo. Nossa intenção não é fazer uma demonstração quantitativa, mas ilustrativa. Como dissemos, toda essa teoria se aplica a qualquer sistema linguístico, independente de idioma, e esperamos ter deixado isso claro com os termos escolhidos e analisados das línguas portuguesa, inglesa, espanhola e italiana. Com esse processo de tradução/transposição, entramos em uma esfera que vai além da língua, vimos que o exercício da tradução engloba a cultura, a geografia e outros fatores extralinguísticos fora de nosso alcance. Por isso, o que traduzimos, mesmo que não com igual peso, é o sentido de uma palavra/expressão, é o nível semântico.

### **Referências**

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005;

- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006;
- DA CUNHA, R. B. A relação significante e significado em Saussure. *ReVEL*, Novo Hamburgo, v. 6, n. 2, nov. 2008;
- FLORES, V. N. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013;
- NORMAND, C. Saussure-Benveniste. *Letras*, Santa Maria, v. 2, n. 33, p. 13-21, dez. 2006;
- SAUSSURE, F. D. *Curso de Linguística Geral*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012;
- STUMPF, E. Saussure e Benveniste: ultrapassagem ou rompimento? In: *CELSUL*, 8, 2008, UFRGS. Anais... Porto Alegre: 2008;
- TOLDO, C. O aparelho formal da enunciação: que aparelho é este? *Desenredo*, Passo Fundo, v. 14, n. 3, p. 424-434, dez. 2018;